



**MATRIX
UMA NOVA REVOLUÇÃO
NO CINEMA**

Editora ABRIL - edição 1802
ano 36 - nº 19 - R\$ 5,90
14 de maio de 2003


Abril

veja

www.veja.com.br



MAIOR DO MUNDO

**A história do brasileiro
de 15 bilhões de reais
que domina o mercado
mundial do suco de laranja
com a mesma força
com que os árabes
controlam o petróleo**

**José Luís Cutrale,
que controla 30%
do suco de laranja
vendido no planeta**

01802
770100 712004



Prédio do MoMA no Queens: ingressos só com reserva

FOTOS: ALCYON N. DA SILVA

Cidades

Com vista para Manhattan

O Queens, um bairro pobre de Nova York, entra no circuito das artes e do turismo

O trem da linha N do metrô de Nova York leva apenas dez minutos para percorrer o trajeto entre Manhattan e o bairro do Queens — apesar de rápida, a viagem sempre separou dois mundos totalmente distintos. Na Ilha de Manhattan ficam os locais elegantes, os nova-iorquinos endinheirados, os teatros e os museus. Nenhum turista visitava o Queens, um bairro de casario decadente e apinhado de imigrantes pobres (estima-se que 20 000 brasileiros vivam lá). Ou, pelo menos, foi assim até bem pouco tempo atrás. No último ano, os subúrbios de Astoria e Long Island City, no Queens, passaram por uma mudança radical no estilo de vida. A linha N é agora passeio badalado para turistas, artistas e descolados. Muitos deles já trocaram os estúdios de Chelsea e do SoHo, em Manhattan, pela tranquilidade e pelos aluguéis mais baixos na região operária. A corrida para o bairro, que é separado da ilha chique pelo Rio Hudson, começou em meados do ano pas-

sado. Em junho, o badaladíssimo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) fechou sua sede em Manhattan para uma reforma que só terminará em 2005. O museu investiu 650 milhões de dólares na adaptação de uma antiga fábrica de grampeadores no Queens e transferiu para o local todo o seu acervo. “Fomos para lá porque precisávamos de espaço e bom preço, já que é um museu temporário”, explicou a VEJA Geoffrey Cook, do escritório que projetou a adaptação do prédio.

A expectativa era que o MoMA temporário recebesse 1 000 visitantes por dia. A média é superior a 3 000. Para apreciar a exposição atual, que reúne obras de Picasso e Matisse, é preciso reservar o ingresso. Nos fins de semana, ônibus circulam entre os principais pontos do novo circuito das artes. Além do MoMA, o Queens abriga o Centro de Arte Contemporânea PS 1, o Isamu Noguchi Garden Museum, o Museu Americano de Imagens em Movimen-

to e o Parque de Esculturas Sócrates, todos do primeiríssimo time. A nova personalidade atraiu para o bairro restaurantes e galerias de arte. O brasileiro Carlos Junqueira é um dos recém-chegados. No ano passado, ele abriu a Espaço, que só vende criações de designers brasileiros — tapetes de Lasar Segall, cadeiras do arquiteto Isay Weinfeld e móveis de Etel Carmona. É uma loja cara (um conjunto de mesa e quatro cadeiras sai por 18 000 dólares), do tipo que antes seria impensável na região. “Sou uma Daslu do design”, brinca Junqueira.

Com os holofotes dos artistas mudando para o Queens, aluguéis baixos estão rapidamente virando coisa do passado. No último ano, os preços de imóveis no bairro subiram 30% acima da média dos Estados Unidos. Como um terço da população é de estrangeiros, o novo roteiro turístico faz sucesso também pelas opções gastronômicas. Trattorias italianas misturam-se com cafés gregos e quiosques de comida egípcia. A Rua Steinway, onde funcionou a fábrica dos pianos mais famosos do mundo, é um shopping a céu aberto. São mais de 1 100 lojas e 300 restaurantes. De brinde, do Queens se tem uma das melhores vistas da Ilha de Manhattan. ■

Juliana Simão

Acesse galeria de fotos em www.veja.com.br

Bairro revigorado: graças aos imigrantes, a região virou pólo gastronômico

